

## PIB DO AGRONEGÓCIO SOFRE QUEDA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DEVIDO AOS BAIXOS PREÇOS AGROPECUÁRIOS

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), recuou 2,20% no primeiro trimestre de 2024 (Tabela 1).

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, os cenários foram de retração para o agrícola (-3,83%) e expansão para o pecuário (1,68%) no primeiro trimestre. Pela perspectiva dos segmentos do setor, no primeiro trimestre, todos apresentaram recuo do PIB: insumos (-4,90%); primário (-3,43%), agroindústria (-1,31%) e agrosserviços (-1,57%). O desempenho dos insumos – tanto de base agrícola quanto pecuária – foi impactado pela queda do valor bruto de produção da maior parte das indústrias que compõem o segmento. Nas indústrias de fertilizantes e de rações, o desempenho foi afetado pela queda dos preços; nas de máquinas agrícolas e de defensivos, pela retração da produção e dos preços.

**Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)**

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-4,90	-3,43	-1,31	-1,57	-2,20
Ramo agrícola	-6,78	-4,04	-2,81	-3,98	-3,83
Ramo pecuário	-0,62	-2,32	4,23	3,91	1,68

Fonte: Cepea/USP e CNA

No caso do segmento primário agrícola, a queda de 4,04% do PIB se deu pela combinação de desvalorização dos preços de importantes commodities que compõem o segmento – como algodão, café, milho, soja, trigo e outros – e da retração projetada da produção anual, com destaque para a queda esperada para milho e soja, por exemplo. Esse cenário se manteve mesmo com certo alívio dos custos com insumos. Já no primário pecuário, a queda de 2,32% do PIB decorreu do menor valor da produção esperado para o ano. Essa queda do valor da produção se deve ao recuo dos preços de importantes atividades, como a bovinocultura para corte e para leite e a suinocultura.

Para o PIB do segmento agroindustrial, a queda no trimestre (-1,31%) decorreu da retração para as agroindústrias de base agrícola (-2,81%), visto que as de base pecuária avançaram no período (4,23%). Na indústria agrícola, o PIB recuou devido aos menores preços (com destaques negativos para as indústrias de óleo vegetais, biocombustíveis e celulose e papel), tendo em vista que a produção industrial registrou avanço no trimestre e houve redução de custos com insumos. Na indústria pecuária, embora tenha enfrentado pressões devido à queda nos preços, o PIB foi sustentado pelos menores custos com insumos e pela maior produção esperada para carnes e pescado, couro e calçados e, em menor medida, para os laticínios.

Os resultados dos agrosserviços refletem os comportamentos dos segmentos a montante em cada ramo. No ramo agrícola, houve queda dos agrosserviços (-3,98%), ao

passo que no ramo pecuário, ao contrário, o PIB dos agrosserviços avançou (3,91%), em linha com os comportamentos observados dentro e fora da porteira no ramo.

Considerando os desempenhos do agronegócio, seus ramos e seus segmentos no primeiro trimestre, a Tabela 2 apresenta as estimativas dos valores monetários do PIB em 2024. Com base nesse desempenho parcial, o PIB do agronegócio brasileiro pode alcançar R\$ 2,45 trilhões em 2024, sendo 1,65 trilhão no ramo agrícola e 800,61 bilhões no ramo pecuário (a preços do primeiro trimestre de 2024). Considerando essa projeção e o comportamento do PIB brasileiro no período, estima-se que a participação do setor economia fique próxima de 21,5% em 2024, abaixo dos 24,0% registrados em 2023 – redução devida à piora dos preços do agronegócio frente aos preços médios da economia.

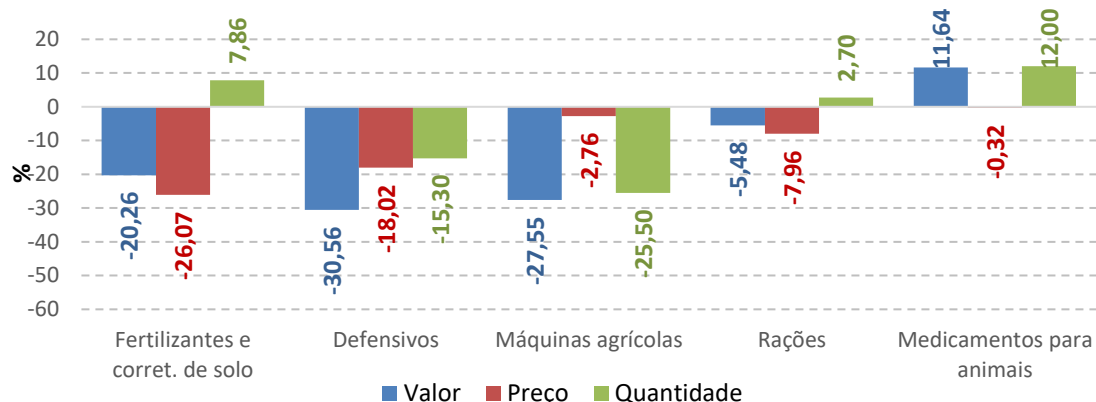
**Tabela 2. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do primeiro trimestre de 2024\*) – observado para 2023 e estimativas para 2024 com base em informações até março**

		PIB (em R\$ milhões reais*)	
		2023	2024*
<b>Agronegócio</b>	Insumos	150.653	123.210
	Primário	742.229	645.538
	Agroindústria	623.035	591.130
	Agrosserviços	1.160.667	1.089.283
	<b>Total agronegócio</b>	<b>2.676.583</b>	<b>2.449.161</b>
<b>Ramo agrícola</b>	Insumos	107.711	81.325
	Primário	483.491	410.009
	Agroindústria	500.463	446.481
	Agrosserviços	836.011	710.737
	<b>Total ramo agrícola</b>	<b>1.927.677</b>	<b>1.648.551</b>
<b>Ramo pecuário</b>	Insumos	42.942	41.885
	Primário	258.737	235.529
	Agroindústria	122.571	144.650
	Agrosserviços	324.656	378.546
	<b>Total ramo pecuário</b>	<b>748.906</b>	<b>800.610</b>

#### **SEGMENTO DE INSUMOS: insumos iniciam 2024 em baixa**

No primeiro trimestre de 2024, houve queda de 4,90% no PIB do segmento de insumos do agronegócio. O resultado reflete o desempenho das atividades dos ramos pecuário e, principalmente, agrícola, cujas quedas foram, respectivamente, de 0,62% e 6,78% no trimestre (Tabela 1). A Figura 1 exhibe o resultado individual de cada atividade do segmento.

**Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2024/2023 com informações até março**



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

Para a indústria de fertilizantes e corretivos do solo, a projeção indica queda de 20,26% do valor bruto da produção anual. O resultado reflete a queda de 26,07% dos preços reais dos produtos, considerando os valores médios do primeiro trimestre de 2024 frente ao de 2023. Em relação à produção anual, por outro lado, é esperado aumento de 7,86%. Em 2022, quando da deflagração do conflito na Ucrânia, os preços de fertilizantes atingiram patamares recordes. Com a normalização da oferta mundial, com a Rússia ampliando as suas exportações, o que se tem é uma retomada aos patamares médios observados antes do conflito. Internamente, outros fatores podem ter influenciado o comportamento dos preços. Por exemplo, a queda dos preços dos grãos, que impacta negativamente as relações de troca dos produtores e que, aliado às incertezas em relação às condições climáticas, fez com que as compras de fertilizantes fossem adiadas. Nesse sentido, informações da equipe Custos/CEPEA dão conta de que, a despeito da redução dos preços dos fertilizantes (e outros importantes insumos agrícolas), é possível que os sojicultores de importantes regiões do Brasil registrem resultado líquido negativo devido à desvalorização da commodity. Esse cenário se reflete em “lentidão” no mercado de fertilizantes e corretivos do solo.

No caso da indústria de defensivos, há projeção de queda de 30,56% do valor bruto de produção anual da atividade, resultado da combinação de queda de 18,02% dos preços reais na comparação entre períodos iguais e de redução de 15,30% da produção anual esperada. O movimento de recuo dos preços dos defensivos – que se iniciou ainda em 2023 e se manteve no início de 2024 – é atribuído, em partes, aos estoques elevados, diante do volume de importações ocorridas durante o período de valorização do Real frente ao dólar, com escoamento de defensivos principalmente da Europa, devido à ampliação da área tratada no Brasil e às restrições de uso de determinados defensivos químicos por parte de países europeus.

Para a indústria de máquinas agrícolas, a projeção indica queda de 27,55% do valor bruto de produção, resultante do recuo de 2,76% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, mas principalmente da diminuição de 25,50% da produção anual esperada. Conforme agentes do mercado, o baixo desempenho no primeiro trimestre era esperado pelo setor, haja vista as altas taxas de juros de financiamento e a queda dos preços agropecuários no período recente. Caso esse movimento se intensifique ou haja recorrência de eventos climáticos adversos, a queda poderá recrudescer.

Na indústria de rações, a projeção aponta queda de 5,48% do valor bruto de produção anual em decorrência da queda de 7,96% dos preços reais, na comparação entre trimestres iguais. Por outro lado, é esperado crescimento de 2,70% da produção anual. A retração dos preços está atrelada à queda das cotações das commodities, como soja e milho, que são importantes insumos na produção de rações. Essa desvalorização contribuiu para aliviar o custo de alimentação animal no campo. Em relação à produção, conforme apontado pelo Sindirações, o comportamento está atrelado ao desempenho favorável da cadeia produtiva de aves e suínos, impulsionado sobremaneira pelas exportações.

De maneira geral, o desempenho das atividades que compõem o segmento de insumos está diretamente relacionado às atividades do segmento primário, que serão analisadas detalhadamente a seguir. Em relação aos insumos agrícolas, verificou-se queda nos preços reais, o que pode representar um afrouxamento dos custos de produção dos agricultores e, *ceteris paribus*, melhora nos termos de troca – cabe se considerar, no entanto, o desempenho das culturas, marcadas por quebras de safras e retração importante dos preços. No caso dos insumos pecuários, especialmente no que se refere às rações para animais, a redução dos preços pode representar um alívio para as margens dos pecuaristas, sobretudo daquelas atividades que tem sido, há um tempo, afetadas pelas altas dos custos com alimentação animal.

### **SEGMENTO PRIMÁRIO: queda nos preços pressionam o PIB agrícola e pecuário no início de 2024**

O PIB do segmento primário do agronegócio recuou 3,43% no primeiro trimestre de 2024, reflexo das quedas de 4,04% no ramo da agricultura e de 2,32% no ramo da pecuária (Tabela 1).

No caso agrícola, embora tenha se observado queda nos custos com insumos – em meio à queda dos preços de fertilizantes, defensivos, sementes e combustível –, os menores preços e a expectativa de queda na produção de importantes culturas pressionaram o desempenho PIB. Já no ramo pecuário, espera-se um aumento na produção e oferta de produtos. No entanto, os menores preços exercem pressão sobre a expectativa do valor bruto da produção.

Especificamente, para o segmento primário agrícola, considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se queda de 15,50% do valor bruto da produção anual, com preços médios 12,30% menores no primeiro trimestre de 2024 (frente ao primeiro trimestre de 2023) e redução esperada de 3,65% na produção. Para os preços, as principais quedas foram para algodão, café, milho, soja, trigo, entre outros. Já para a produção, as principais quedas foram para cana-de-açúcar, milho e soja. Em geral, os preços subiram para os hortifrutícolas acompanhados, mas caíram para os grãos, que detêm maior peso na formação do PIB.

No segmento primário pecuário, também considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, espera-se redução 4,20% no valor bruto da produção anual. Em média, os preços no primeiro trimestre de 2024 foram 14,47% menores que os do mesmo trimestre de 2023, pressionados principalmente por bovinos (para corte e para leite) e suínos. Para a produção da pecuária, a média ponderada indica avanço de 12,00%, com resultado positivo para bovinocultura (para corte e para leite) e avicultura de postura.

A Tabela 3 detalha os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea,

espera-se crescimento do valor bruto da produção em 2024 para: arroz, banana, batata, cacau, laranja, tomate, uva e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no valor bruto da produção são: algodão, café, cana-de-açúcar, feijão, fumo, mandioca, milho, soja, trigo, madeira em tora e lenha/carvão.

Na cultura do arroz, a expansão do valor bruto da produção esperado (31,37%) esteve atrelada às maiores cotações do produto (25,57%) na comparação de janeiro a março de 2023 e de 2024 e à maior produção esperada (4,62%). Segundo a Conab, o avanço esperado da produção é resultado da maior área a ser cultivada, tanto do arroz irrigado quanto do sequeiro, incentivado pela expectativa de melhores preços. Por outro lado, espera-se um menor rendimento médio da cultura na atual safra, especialmente devido aos impactos das frequentes e volumosas chuvas no Rio Grande do Sul, principal produtor de arroz. Entretanto, os prejuízos ainda estão sendo mensurados. Conforme a equipe Arroz/Cepea, os preços do arroz tiveram uma forte elevação em 2023, especialmente no segundo semestre, sustentados pela redução dos estoques de passagem. Apesar de operarem acima dos níveis observados no primeiro trimestre de 2023, devido a essa elevação mencionada, ocorrida no fim do ano passado, as cotações do arroz apresentaram uma trajetória de queda significativa ao longo do primeiro trimestre de 2024, influenciados pela sazonalidade da oferta, pela colheita em andamento nas principais regiões produtoras do Mercosul e pela demanda retraída.

No caso da banana, os maiores preços reais (33,02%) na comparação entre trimestres iguais explicam o avanço projetado para o valor bruto da produção real (33,48%), visto a estabilidade na produção esperada para 2024 (0,35%). De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, a diminuição da oferta de banana nas principais regiões produtoras monitoradas pelo Cepea resultou em um aumento nas cotações no primeiro trimestre de 2024. As altas temperaturas no final do ano passado e os ventos fortes que danificaram parte dos bananais no Vale do Ribeira (SP) – um dos maiores produtores – resultaram na queda de alguns pés. A equipe também destacou que a safra deste ano está controlada devido ao impacto do clima adverso.

Com relação à batata, a forte expansão esperada no valor bruto da produção real (76,84%) decorre dos maiores preços reais (75,33%) na comparação de janeiro a março de 2023 e de 2024, combinados ao modesto crescimento esperado na produção anual (0,86%). De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, embora os preços da batata tenham sido superiores aos do primeiro trimestre de 2023, houve uma tendência de queda no primeiro trimestre de 2024, principalmente devido ao aumento da oferta no período. Logo, a relação de alta retratada reflete sobretudo a aceleração dos preços ao longo de 2023. Em fevereiro de 2024, a maior disponibilidade do produto no mercado levou a uma redução nas cotações. Em março, a queda dos preços da batata persistiu em função do aumento da área de colheita. Paralelamente, a produtividade das plantações melhorou progressivamente, beneficiada pelas condições climáticas durante o período de crescimento. Contudo, apesar do aumento da produção, as altas temperaturas em março afetaram a qualidade dos tubérculos, contribuindo para a pressão sobre os preços.

No caso da laranja, o crescimento do valor bruto da produção esperado (58,98%) é reflexo das altas nas cotações do produto na comparação entre trimestres iguais (60,50%), uma vez que se espera ligeira queda na produção anual (-0,95%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, os preços elevados resultam tanto da limitada oferta quanto da alta demanda. Durante esse período, além do processamento consumir uma grande parte do volume de frutas disponíveis, era o momento de “entressafra”. A equipe salienta que, a partir

de fevereiro, a combinação de disponibilidade reduzida e preços altos incentivou alguns produtores a começarem a colheita precoce para atender às necessidades do mercado.

Em relação ao tomate, a projeção é de crescimento de 35,25% no valor bruto da produção, considerando informações até março. Esse aumento é atribuído aos preços reais que estavam 27,26% mais altos, quando comparados com o mesmo trimestre do ano anterior, juntamente com a previsão de um aumento de 6,28% na produção anual. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram impulsionados pela menor oferta – temperaturas médias mais baixas reduziram o ritmo de maturação –, e por produtividades abaixo do potencial em algumas regiões– devido ao excesso de chuvas entre setembro e novembro/23. A equipe destaca que o clima mais seco influenciou o ressurgimento da mosca-branca em algumas lavouras de Itapeva (SP). Essa praga, que causou severos danos à tomaticultura no passado e não era um dos principais problemas para a cultura há anos, voltou a ser uma preocupação. A combinação do clima mais seco no Sudeste nesse verão, a migração da praga de uma cultura para outra e o expressivo aumento da área de soja nos últimos anos impediram a quebra do ciclo da mosca-branca, elevando sua população.

Com relação à cultura do algodão, a queda do valor bruto da produção anual esperado (-10,51%) decorre dos menores preços reais do produto (-22,07%), na comparação entre trimestres, uma vez que se espera uma maior produção em 2024 (14,82%). Segundo a Conab, o crescimento da produção deve refletir os avanços da área. Embora as condições climáticas estejam favorecendo as lavouras, há uma projeção de menor produtividade devido à irregularidade das chuvas e à instabilidade climática em alguns estados produtores. Segundo a equipe Algodão/Cepea, embora as cotações tenham sido inferiores às do primeiro trimestre de 2023, houve um avanço ao longo do primeiro trimestre de 2024, impulsionado pelas significativas valorizações externas e pela ativa demanda interna. A equipe ressalta que o considerável excedente brasileiro pode posicionar o Brasil como o maior exportador mundial de algodão em pluma.

Na cultura do café, a redução esperada no valor bruto da produção é de 3,24%, pressionada pela queda de 9,39% nos preços reais, na comparação entre janeiro a março de 2023 e de 2024, uma vez que se projeta uma produção anual 6,79% maior. Segundo a Conab, a expansão da produção se deve ao aumento da área em produção e à maior produtividade, que foi favorecida pelas condições climáticas, comparativamente às da safra passada, além de ser um ano de bienalidade positiva. No caso específico do robusta, a colheita em 2023/24 não foi boa no Espírito Santo (maior produtor da variedade no Brasil), e o desenvolvimento da temporada 2024/25 também atravessa problemas relacionados ao clima. No que diz respeito aos preços, a equipe Café/Cepea destaca que, embora as cotações tenham sido inferiores às do primeiro trimestre de 2023, os preços apresentaram uma trajetória de alta nos primeiros três meses de 2024. Isso se deve à iminência da colheita da safra 2024/25 e às especulações em torno da produção e dos estoques mundiais. A demanda internacional elevada pelo café robusta, particularmente em função dos problemas na safra vietnamita e do impacto dos ataques a navios no Mar Vermelho, também contribuiu para o aumento dos preços.

No caso da cana-de-açúcar, a menor produção projetada para 2024 (-3,84%) explica a redução do valor bruto da produção esperado (-2,87%) para o ano. Já para os preços, houve modesto crescimento (1,00%) na comparação entre janeiro a março de 2024 frente ao mesmo período de 2023. De acordo com a Conab, a redução na produção esperada é resultado das expectativas de diminuição da produtividade em grande parte das áreas produtoras, devido a condições climáticas desfavoráveis (e ao salto de produtividade

verificado no ano passado). Por outro lado, a Companhia destaca que houve crescimento de área, justificado especialmente pelo fato de que áreas encaminhadas para renovação no último ciclo devem entrar em produção nessa safra. Com relação aos preços da cana, a elevação deve refletir os avanços observados para o açúcar, conforme será discutido na seção desse relatório sobre a agroindústria.

**Tabela 3. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2024/2023 com informações até março**

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	-10,51	-22,07	14,82
Arroz	31,37	25,57	4,62
Banana	33,48	33,02	0,35
Batata	76,84	75,33	0,86
Cacau	109,05	106,50	1,23
Café	-3,24	-9,39	6,79
Cana	-2,87	1,00	-3,84
Feijão	-5,82	-14,00	9,52
Fumo	-14,52	-5,49	-9,56
Laranja	58,98	60,50	-0,95
Mandioca	-55,12	-54,11	-2,20
Milho	-33,18	-21,05	-15,36
Soja	-33,62	-30,51	-4,48
Tomate	35,25	27,26	6,28
Trigo	-17,92	-26,83	12,17
Uva	19,47	41,87	-15,79
Madeira tora*	-9,95	-2,12	-8,00
Madeira p/ Celulose	16,93	12,98	3,50
Lenha/carvão	-5,96	-4,14	-1,90

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana).

Em relação ao milho, a projeção de diminuição de 33,18% no valor bruto da produção é consequência da queda de 21,05% nos preços reais, quando comparados os primeiros trimestres, e da redução de 15,36% na produção anual esperada. Segundo a Conab, a expectativa de menor produção decorre tanto das quedas da área destinada à cultura, com destaque para a da segunda safra, quanto da menor produtividade esperada. Para a primeira e a segunda safras, na maioria dos estados produtores, as produtividades previstas são inferiores às obtidas no último ciclo, influenciadas por condições climáticas adversas que têm comprometido o potencial produtivo da cultura. Adicionalmente, há redução prevista na área devido aos altos custos de produção e à redução do preço do grão nos últimos tempos, o que resultou em migração para culturas mais rentáveis, destacando-se entre essas a soja na primeira safra. Para a terceira safra, o plantio foi iniciado em todas as regiões produtoras, sendo estimadas quedas da área cultivada e da produtividade. No que diz respeito aos preços, a equipe Milho/Cepea indica que os níveis no início de 2024 são significativamente inferiores aos observados no mesmo período do ano anterior. Esse cenário resulta em margens reduzidas, o que, combinado com as incertezas sobre os efeitos do El Niño na

produtividade, diminui o interesse dos agricultores no plantio de milho. De modo geral, as negociações no mercado brasileiro de milho estiveram enfraquecidas no primeiro trimestre de 2024, tanto no *spot* quanto para entregas futuras, e os preços registraram leves variações. Compradores mostraram pouco interesse em adquirir volumes do cereal, enquanto vendedores focaram nos trabalhos de campo, com a colheita da safra de verão avançando e a semeadura da segunda temporada 2023/24 na reta final.

Para a soja, a redução projetada no valor bruto da produção é de 33,62%, o que resultou da produção esperada 4,48% menor e da queda nos preços reais de 30,51% na comparação entre janeiro a março de 2023 e de 2024. Segundo a Conab, a redução na produção deve-se à diminuição esperada na produtividade causada por condições climáticas desfavoráveis no período de plantio e crescimento da cultura, que sofreu com a irregularidade das chuvas. Especificamente sobre o Rio Grande do Sul, a Companhia destaca que as adversidades meteorológicas têm dificultado o avanço dos trabalhos no campo, que já apresenta mais 75% da área colhida. Apesar da diminuição na produtividade, o estado ainda apresenta uma safra dentro dos padrões normais em termos de produtividade, contudo, isso pode se alterar caso as atuais condições climáticas adversas continuem. No que se refere aos preços, a equipe Soja/Cepea destaca que, até fevereiro, mesmo com problemas climáticos em diversas regiões do Brasil e uma produção nacional abaixo do inicialmente estimado, a oferta ainda superou a demanda, pressionando os preços para baixo. A disponibilidade da soja não estava tão restrita, e houve um volume baixo de soja comprometida com vendas futuras. No entanto, em março, o aumento da demanda levou a um maior volume de negociações envolvendo a soja, elevando os preços. É importante notar que as maiores produções na Argentina e no Paraguai podem compensar as perdas no Brasil em termos de oferta global

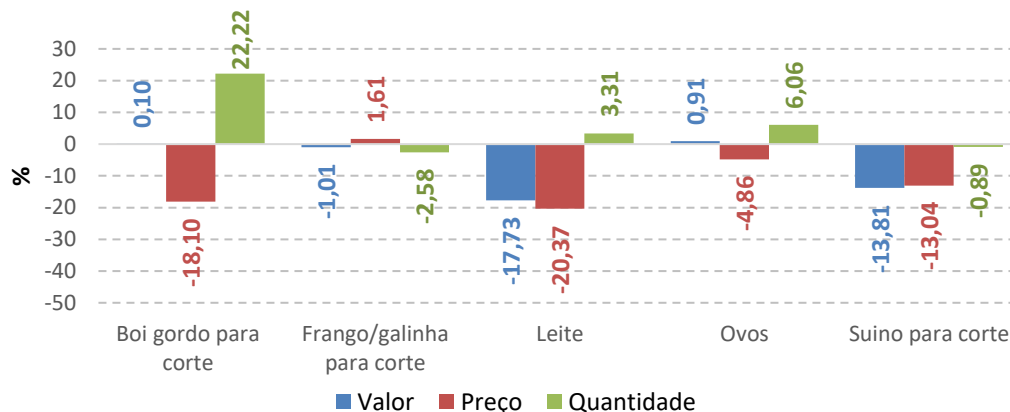
Para o trigo, a redução dos preços na comparação entre janeiro a março de 2023 e de 2024 (-26,83%) explica a projeção de queda do valor bruto da produção (-17,92%). Quanto à produção, há projeção de expansão (12,17%), resultado da expectativa de maior produtividade, apesar da projeção de uma área menor destinada ao cultivo. A companhia destaca que, no Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, a área cultivada deverá ser inferior à última safra devido ao baixo preço recebido pelo produtor, ao custo de produção elevado, aos aspectos do seguro agrícola da cultura – caro e com cobertura muito aquém do custo de produção –, e ao alto risco climático do cultivo do cereal. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea destaca que, embora os dados oficiais apontem para uma produção mundial de trigo na safra 2023/24 inferior à demanda, houve uma tendência de queda nas cotações internas e externas do grão no primeiro trimestre do ano. As transações foram, em sua maioria, pontuais nesse período, uma vez que os produtores estavam concentrados na safra de verão e os compradores procuravam trigo de alta qualidade. Segundo a equipe, houve um forte aumento nas importações brasileiras de trigo no primeiro trimestre do ano. Isso ocorreu porque, apesar de muitos operadores de moinhos estarem bem abastecidos, os compradores ativos no mercado *spot* procuraram trigo de qualidade superior, que estava escasso no mercado interno devido ao clima adverso que afetou a safra nacional. Como consequência, os demandantes acabaram comprando o cereal de outros países, principalmente do Mercosul.

Na Figura 2 constam as dinâmicas observadas para o segmento primário do ramo da pecuária. Considerados dados até março, as projeções indicam variações ligeiramente positivas (praticamente estabilidade) do valor bruto de produção da bovinocultura para corte e da avicultura para postura. Na contramão, são esperadas quedas dos valores brutos de



produção da avicultura para corte, da bovinocultura leiteira e para a suinocultura. A seguir, apresentam-se as análises detalhadas de cada atividade do segmento.

**Figura 2. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2024/2023 com informações até março**



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE).

No caso da bovinocultura para corte, a projeção indica ligeiro crescimento de 0,10% do valor bruto de produção, impulsionado exclusivamente pelo importante crescimento de 22,22% da produção anual esperada. Por sua vez, na comparação entre trimestres iguais, verifica-se recuo de 18,10% dos preços reais. Ao longo do primeiro trimestre deste ano, os preços da arroba bovina apresentaram consecutivas quedas face ao concomitante aumento da oferta, que é comum nessa época do ano, sobretudo de março em diante. Para além desse comportamento sazonal, a equipe Boi/Cepea destaca alguns fatores que contribuíram para a expansão da oferta e para a retração dos preços, destacando-se: o ritmo lento de vendas de carne bovina e a demanda retraída por parte dos frigoríficos; o impacto do El Niño sobre as pastagens, que encarece a produção à medida que exige a compra de ração, estimulando abates precoces; e o desestímulo aos investimentos em reprodução, devido à desvalorização do animal em 2023, que amplia a oferta de vacas para abate.

Na bovinocultura leiteira, a projeção indica retração de 17,73% do valor bruto de produção devido ao recuo de 20,37% dos preços reais na comparação entre períodos iguais. Em relação à produção, é esperado crescimento de 3,31% para este ano. Apesar do desempenho dos preços na comparação entre trimestres iguais, de janeiro a março, os preços do leite captado no campo avançaram sucessivamente – mantendo o ritmo de alta observado desde novembro passado –, o que se pode atribuir à diminuição da oferta de leite no campo. Conforme a equipe Leite/Cepea, há dois importantes fatores que explicam a queda da produção: as condições climáticas adversas, caracterizadas pelo clima seco e altas temperaturas; e a pressão sobre as margens dos pecuaristas, que se observa de forma mais expressiva desde meados do ano passado e teve, como consequência, a redução dos investimentos "dentro da porteira", o que tem reforçado o cenário de oferta limitada. Como desdobramento desse contexto restritivo, agentes do mercado têm relatado o acirramento da disputa entre as indústrias de laticínios e cooperativas pela matéria-prima. Segundo a equipe, ainda, a perspectiva é de manutenção desse cenário de restrição de oferta e, conseqüentemente, é esperado que, ao longo deste ano, haja valorização do leite no campo.

Para a avicultura para corte, a projeção indica queda de 1,01% do valor bruto de produção. Este resultado reflete, exclusivamente, a queda de 2,58% esperada para produção

anual, uma vez que os preços reais, na comparação entre períodos iguais, avançaram 1,61%. Conforme equipe Frango/Cepea, a sustentação dos preços advém da demanda externa aquecida, haja vista a demanda doméstica enfraquecida. Em 2023, o volume de embarques de carnes avícolas atingiu recorde da série histórica da Secex e, para este ano, analistas do Cepea estimam manutenção do ritmo de exportações em virtude da elevada competitividade dos preços da carne nacional e os impactos gerados pela Influenza Aviária em importantes fornecedores mundiais de carne avícola. O desempenho no *front* externo tem contribuído para reduzir a disponibilidade doméstica e, com isso, impulsionar os preços os produtos avícolas como um todo, incluindo o animal vivo.

Para a avicultura de postura é esperado crescimento de 0,91% do valor bruto de produção, resultante da expansão de 6,06% da produção anual esperada. Já os preços, na comparação entre trimestres iguais, tiveram queda de 4,86% em termos reais. Em 2023, a produção de ovos atingiu a máxima histórica do IBGE, que realiza acompanhamento desde 2018, o que se refletiu no comportamento decrescente dos preços ao longo daquele ano. Para 2024, pesquisadores da equipe Ovos/Cepea preveem crescimento da oferta nacional de ovos, o que resultaria em pressão sobre as suas cotações e, conseqüentemente, o enfraquecimento do poder de compra do avicultor frente a importantes insumos, como milho e farelo de soja. Apesar disso, ao longo dos três primeiros meses, os preços médios mensais dos ovos avançaram, em termos nominais, em função de alguns fatores, como a proximidade com o período de Quaresma, a retomada das atividades escolares, à oferta controlada nos principais polos produtores.

Por fim, em relação a suinocultura para corte, a projeção indica queda de 13,81% do valor bruto de produção da atividade, resultante da combinação de queda de 13,04% dos preços reais na comparação entre períodos iguais e da redução esperada de 0,89% da produção anual. De dezembro para janeiro, os preços do suíno vivo registraram queda devido à demanda – interna e externa – enfraquecida. Conforme equipe Suíno/Cepea, o volume de embarques em janeiro registrou desempenho 10% menor do que o observado no mês anterior, o que se atribui, em partes, às celebrações do Ano Novo Chinês. No mercado doméstico, a pressão resultou, pelo lado da demanda, da redução do poder de compra da população, devido às despesas extras do período e ao recesso escolar; e, pelo lado da oferta, do incremento de suínos no mercado. Apesar de ter ensaiado um movimento de alta no início de fevereiro, esse impulso perdeu força na segunda quinzena, fazendo com que a média mensal se reduzisse frente a janeiro. Este movimento, novamente, é reflexo da combinação de oferta alta e demanda enfraquecida. As exportações, frente a janeiro, também recuaram - o que se atribui ao menor número de dias úteis, pois o volume exportado e a receita registraram recordes para o período, considerando-se a série histórica da Secex. Já em março, houve um "ajuste" da oferta face à demanda, o que garantiu o impulso aos preços, fazendo com que a média mensal se situasse acima de fevereiro, ainda que abaixo da de janeiro.

### **SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria recua no primeiro trimestre, pressionada por preços menores**

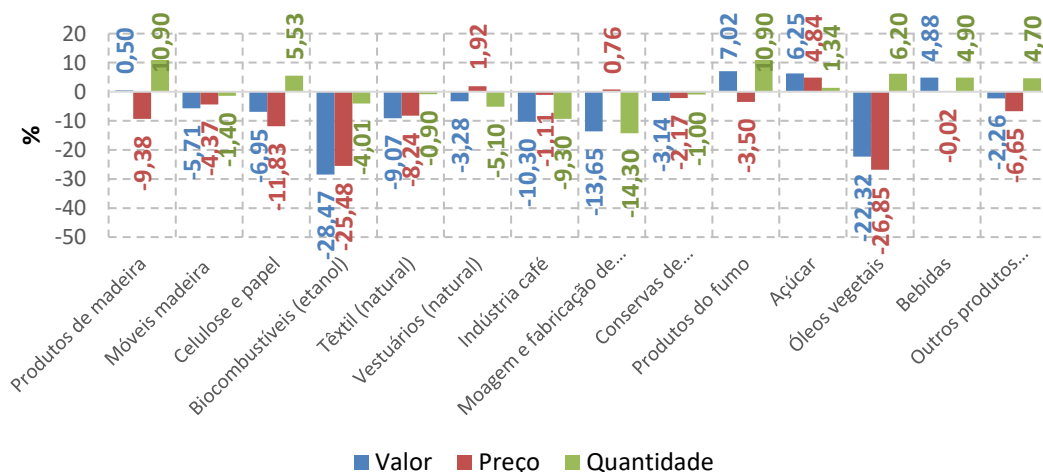
O PIB do segmento agroindustrial do agronegócio apresentou queda de 1,31% no primeiro trimestre de 2024. O resultado se deveu ao desempenho negativo das agroindústrias do ramo agrícola, cujo PIB se retraiu 2,81%. Para as de base pecuária, por sua vez, o PIB avançou 4,23% (Tabela 1).

Na indústria agrícola, o PIB caiu devido à redução de preços dos produtos agroindustriais, tendo em vista que a produção industrial registrou um crescimento, e os custos intermediários, uma redução. Na indústria pecuária, o crescimento foi impulsionado pela ampliação da produção aliada à redução de custos. Especificamente, quanto aos valores brutos da produção, no ramo agrícola, espera-se queda de 8,01% no ano, com preços médios 10,16% menores e expectativa de aumento da produção em 2,40%; no ramo pecuário, a estimativa é de crescimento do valor bruto da produção anual de 0,86%, com preços 9,70% menores e aumento de 11,70% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do valor bruto da produção em 2024 são apenas: açúcar, bebidas, produtos do fumo e produtos de madeira. Já para as indústrias de móveis de madeira, biocombustíveis, celulose e papel, óleos vegetais, têxteis e vestuários, indústria do café, outros produtos alimentares, moagem e fabricação de amiláceos e conservas de frutas, legumes e outros vegetais espera-se queda de valor bruto da produção (Figura 3).

No caso do açúcar, a expansão esperada de 6,25% no valor bruto da produção anual é resultado tanto da produção esperada 1,34% maior, quanto dos preços 4,84% maiores na comparação entre trimestres iguais. A Conab prevê um aumento na alocação de Açúcar Total Recuperável (ATR) para a produção de açúcar, considerando que as condições de mercado permanecem mais favoráveis para a produção do adoçante. Isso se deve principalmente à maior competitividade do produto brasileiro no mercado internacional em face da diminuição da oferta por parte dos principais países exportadores. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram sustentados pelo avanço da entressafra e pela conseqüente redução na oferta do cristal, especialmente os tipos de melhor qualidade. Adicionalmente, a valorização do demerara na Bolsa de Nova York também contribuiu para impulsionar as cotações internas e fez com que as exportações brasileiras de açúcar recuperassem a vantagem sobre as vendas internas.

**Figura 3. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2024/2023 com informações até março**



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab).

Em relação à produção de biocombustíveis, a previsão de uma redução de 28,47% no valor bruto da produção é resultado tanto da diminuição de 25,48% nos preços reais,

quando comparados os períodos de janeiro a março de 2023 e 2024, quanto da esperada queda de 4,01% na produção anual. Segundo a Conab, com a menor disponibilidade de matéria prima e diminuição da competitividade do biocombustível frente ao açúcar, espera-se que haja uma redução do volume total de etanol produzido. Entretanto, destaca-se que se projeta maior produção do etanol de milho – que deverá ter a produção acrescida em 16%. Para os preços, de acordo com a equipe Etanol/Cepea, embora tenham apresentado trajetória de alta no primeiro trimestre de 2024, eles operam abaixo dos níveis observados em 2023. O impulso no trimestre veio da demanda aquecida devido à boa vantagem competitiva do biocombustível nas bombas.

Para a indústria de óleos vegetais, a redução do valor bruto da produção esperada (-22,32%) reflete as quedas nos preços reais (-26,85%) na comparação entre janeiro a março de 2023 e de 2024, uma vez que se projeta expansão da produção anual (6,20%). Segundo a equipe Soja/Cepea, apesar de os preços terem seguido uma tendência de queda nos dois primeiros meses do ano, o aumento das negociações e a valorização do prêmio de exportação evitaram uma queda mais acentuada. Em março, as cotações foram impulsionadas pela maior demanda doméstica, sobretudo por parte de indústrias do setor alimentício. Segundo a equipe, os representantes dessas fábricas demonstraram um interesse em adquirir volumes para o médio prazo, atentos às previsões de crescimento na produção de biodiesel no Brasil.

Observando as variações de quantidade na Figura 3, nota-se que a recuperação da produção agroindustrial de base vegetal no trimestre reflete os comportamentos para os produtos de madeira, celulose e papel, produtos do fumo, açúcar, óleos vegetais e outros produtos alimentares. Ao contrário, chama a atenção a continuidade do encolhimento das indústrias têxtil-vestuarista e de móveis.

A Tabela 4 apresenta as dinâmicas observadas para as atividades que compõem o segmento agroindustrial de base pecuária. Dentre as atividades, apenas a indústria de laticínios apresentou projeção de queda do valor bruto da produção para este ano.

**Tabela 4. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até março**

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
<b>Valor</b>	3,86	2,38	-5,87
<b>Preço</b>	-0,95	-10,21	-6,62
<b>Quantidade</b>	4,91	14,76	0,80

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE).

Na indústria de abate e preparação de carnes e pescados é esperado crescimento de 2,38% do valor bruto de produção, resultado da expansão de 14,76% da produção esperada para este ano. Os preços, por sua vez, recuaram 10,21% em termos reais, na comparação entre períodos iguais. O desempenho dos preços na indústria do abate está diretamente relacionado ao comportamento dos preços da pecuária dentro da porteira. No caso das carnes bovinas, a desvalorização dos preços esteve atrelada ao ritmo lento de vendas no mercado doméstico, devido ao poder de compra da população ainda fragilizado, que limita

o consumo de carne bovina. Em consequência disso, os frigoríficos refreiam a demanda por novos lotes. No caso das carnes de frango, o diagnóstico é semelhante: a demanda enfraquecida e consequente baixa liquidez pressionaram as cotações, cujas médias encerraram em março abaixo de janeiro, apesar da alta observada em fevereiro. A baixa procura da carne suína também ajuda a explicar o comportamento dos preços ao longo do trimestre, à medida que estimulou a redução de preços por parte dos agentes do setor, de modo a melhorar a liquidez. A expansão da produção reflete, principalmente, o ótimo desempenho das exportações de carnes brasileiras.

Na indústria de laticínios, a projeção indica queda de 5,87% do valor bruto de produção anual, como resultado do recuo de 6,62% dos preços reais na comparação entre períodos iguais. Já para a produção anual é esperado crescimento de 0,80%. Embora, relativamente ao mesmo período do ano passado, os preços estejam em patamares inferiores, ao longo dos primeiros meses deste ano, os laticínios tiveram valorização dos preços, na esteira da alta dos preços do leite no campo. A valorização dos derivados ao longo do primeiro trimestre esteve atrelada, principalmente, à restrição de oferta de matéria-prima, o que a encarece e intensifica a disputa pelo insumo entre as indústrias de derivados e as cooperativas. Essa valorização, contudo, tem sido contida, uma vez que, de acordo com a equipe Leite/Cepea, os agentes do mercado têm relatado dificuldade de repassar o aumento dos custos com a aquisição da matéria-prima para o consumidor final, haja vista a alta sensibilidade aos preços dos derivados face ao poder de compra enfraquecido.

### **SEGMENTO DE SERVIÇOS: agrosserviços recuam no primeiro trimestre, com resultados opostos entre os ramos**

No primeiro trimestre de 2024, houve uma retração de 1,57% no PIB dos serviços do agronegócio brasileiro, principalmente devido à queda de 3,98% nos agrosserviços agrícolas, apesar do crescimento de 3,91% nos agrosserviços pecuários. Em geral, o resultado para este segmento está diretamente ligado ao desempenho dos demais segmentos. O recuo do PIB dos agrosserviços agrícolas refletiu, em grande medida, o desempenho da agricultura dentro da porteira – em que se observou quedas da produção de culturas importantes, como a soja, o milho e a cana-de-açúcar, por exemplo. Essa retração do segmento se traduziu em menor demanda por serviços de transporte, armazenagem, comércio e outros serviços, como financeiros, contábeis, jurídicos, de comunicação, entre outros. Por sua vez, no ramo pecuário, o aumento da produção nos segmentos de insumos, primário e agroindustrial tem refletido numa maior demanda por serviços de parte das atividades que compõem esse ramo.

No primeiro trimestre de 2024, houve uma redução no preço do frete rodoviário, bem como na quantidade de fretes realizados, refletindo as lentas vendas da safra de grãos, especialmente a soja, e os preços praticamente estáveis do diesel nos últimos meses. Essa queda é incomum, já que a demanda para o escoamento de grãos no Brasil costuma atingir um pico nesse período, normalmente elevando os preços do transporte, especialmente devido à colheita e comercialização da soja. No entanto, importantes atividades foram afetadas por eventos climáticos adversos, impactando o número de fretes rodoviários.

## CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio brasileiro apresentou queda de 2,20% no primeiro trimestre de 2024, mantendo o movimento observado em 2023, em que também se observou queda. Com isso, e considerando também o desempenho da economia brasileira como um todo até o momento, o PIB do agronegócio pode responder por cerca de 21,5% do PIB do Brasil no ano, abaixo dos 24,0% observados em 2023.

Esse resultado do agronegócio foi pressionado principalmente por menores preços, mas também pela queda na produção de vários dos principais produtos do setor, principalmente na agricultura dentro da porteira. Por sua vez, o ramo pecuário amenizou este resultado, especialmente pelo desempenho dos segmentos agroindustrial e agrosserviços. Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, se consideradas apenas as atividades do ramo agrícola, houve queda de 3,83% no PIB, ao passo que, se consideradas apenas as da pecuária, verificou-se crescimento de 1,68%.

Já pela perspectiva dos segmentos do setor, o PIB dos insumos apresentou retração de 4,90%, com quedas nos ramos agrícola e pecuário. O desempenho desse segmento foi impactado negativamente pela queda do valor bruto da produção, pressionado sobretudo pelas desvalorizações de preços dos fertilizantes, defensivos máquinas agrícolas e rações. Para as indústrias de máquinas agrícolas e defensivos também se observou retração da produção esperada.

O PIB do segmento primário do agronegócio recuou 3,43% no trimestre, declínio atribuído tanto à agricultura, que registrou uma queda de 4,04% no PIB, quanto à pecuária, que teve uma redução de 2,32% no PIB. O desempenho da agricultura foi impactado pela combinação de desvalorização dos preços de commodities importantes que compõem o segmento - como algodão, café, milho, soja, trigo, entre outros - e pela projeção de retração da produção anual, com destaque para a queda esperada para milho e soja. Esse cenário persistiu mesmo com a redução dos custos com insumos. No caso da pecuária, o resultado foi influenciado pelo menor valor de produção esperado para o ano devido à diminuição dos preços de atividades importantes, como a criação de bovinos para corte e para leite, bem como a suinocultura. A queda na pecuária foi amenizada pela expansão importante da produção de bovinos, ovos e leite.

No segmento agroindustrial, a diminuição de 1,31% no PIB foi devida à retração nas agroindústrias de base agrícola (-2,81%), apesar do crescimento nas de base pecuária (4,23%). Na indústria agrícola, a queda no PIB ocorreu principalmente devido aos preços mais baixos (com destaque para as indústrias de óleo vegetal, biocombustíveis e celulose e papel), mesmo com o aumento da produção industrial e a redução dos custos com insumos. Na indústria pecuária, apesar das pressões decorrentes da queda nos preços, o PIB foi sustentado pelo aumento esperado na produção de carnes e pescados, couro e calçados e, em menor grau, laticínios.

Por fim, o PIB do segmento de agrosserviços apresentou queda de 1,57%. Neste caso, também houve descompasso entre os agrosserviços do ramo agrícola, que recuaram 3,98% no trimestre, e os agrosserviços do ramo da pecuária, que cresceram 3,91%. De forma geral, estes resultados refletem as dinâmicas dos segmentos a montante.

## ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

### A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
mar/23	-2,95	0,13	0,11	0,01	-0,13	
abr/23	-2,81	1,19	0,35	0,54	0,47	
mai/23	-2,67	0,05	0,20	0,30	0,02	
jun/23	-2,55	-0,29	0,00	0,18	-0,16	
jul/23	-2,37	-0,43	-0,37	-0,21	-0,45	
ago/23	-2,07	-0,75	-0,17	-0,09	-0,42	
set/23	-2,25	-0,70	-0,09	-0,29	-0,48	
out/23	-2,14	-1,07	-0,39	-0,47	-0,73	
nov/23	-2,25	-0,29	-0,61	-0,51	-0,59	
dez/23	-2,34	1,29	-0,91	-0,39	-0,18	
jan/24	-1,58	-0,75	-0,25	-0,27	-0,47	
fev/24	-1,52	-1,31	-0,06	-0,26	-0,56	
mar/24	-1,88	-1,40	-1,00	-1,05	-1,18	
Acumulado (jan-mar)	-4,90	-3,43	-1,31	-1,57	-2,20	
RAMO AGRÍCOLA						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
mar/23	-3,61	0,59	0,33	0,33	0,13	
abr/23	-3,72	1,80	0,39	0,60	0,56	
mai/23	-3,18	0,01	0,08	0,05	-0,16	
jun/23	-3,42	0,19	-0,13	-0,09	-0,25	
jul/23	-2,64	0,07	-0,45	-0,36	-0,44	
ago/23	-2,62	0,17	-0,36	-0,30	-0,36	
set/23	-3,02	0,48	-0,18	-0,37	-0,29	
out/23	-2,40	-0,77	-0,82	-1,09	-1,04	
nov/23	-2,82	0,32	-1,01	-1,04	-0,83	
dez/23	-3,54	2,91	-1,25	-0,71	-0,16	
jan/24	-2,25	-0,88	-0,78	-1,09	-1,02	
fev/24	-2,15	-1,71	-0,59	-1,16	-1,20	
mar/24	-2,54	-1,50	-1,47	-1,78	-1,67	
Acumulado (jan-mar)	-6,78	-4,04	-2,81	-3,98	-3,83	
RAMO PECUÁRIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
mar/23	-0,92	-0,64	-0,93	-0,91	-0,81	
abr/23	-0,18	0,15	0,20	0,38	0,23	
mai/23	-1,17	0,16	0,76	1,04	0,53	
jun/23	-0,09	-1,08	0,59	0,95	0,07	
jul/23	-1,49	-1,25	0,01	0,21	-0,46	
ago/23	-0,45	-2,34	0,69	0,49	-0,57	
set/23	-0,08	-2,76	0,29	-0,05	-0,98	
out/23	-1,31	-1,56	1,46	1,20	0,11	
nov/23	-0,58	-1,34	1,11	0,90	0,05	
dez/23	0,97	-1,58	0,51	0,47	-0,23	
jan/24	-0,08	-0,52	1,65	1,56	0,82	
fev/24	-0,12	-0,60	1,84	1,70	0,89	
mar/24	-0,41	-1,22	0,69	0,60	-0,03	
Acumulado (jan-mar)	-0,62	-2,32	4,23	3,91	1,68	

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

## A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
mar/23	6,0%	27,9%	23,3%	42,8%	100,0%
abr/23	5,7%	28,3%	23,2%	42,9%	100,0%
mai/23	5,6%	28,0%	23,3%	43,1%	100,0%
jun/23	5,5%	27,8%	23,3%	43,4%	100,0%
jul/23	5,5%	27,7%	23,4%	43,4%	100,0%
ago/23	5,6%	27,4%	23,4%	43,6%	100,0%
set/23	5,6%	27,3%	23,5%	43,6%	100,0%
out/23	5,6%	27,2%	23,6%	43,6%	100,0%
nov/23	5,7%	27,2%	23,5%	43,6%	100,0%
dez/23	5,6%	27,6%	23,3%	43,4%	100,0%
jan/24	4,9%	26,8%	23,9%	44,4%	100,0%
fev/24	5,0%	26,0%	24,3%	44,7%	100,0%
mar/24	5,0%	26,4%	24,1%	44,5%	100,0%

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
mar/23	6,0%	24,1%	26,2%	43,8%	100,0%
abr/23	5,6%	24,6%	26,0%	43,7%	100,0%
mai/23	5,5%	24,4%	26,2%	43,9%	100,0%
jun/23	5,5%	24,3%	26,3%	44,0%	100,0%
jul/23	5,5%	24,3%	26,2%	43,9%	100,0%
ago/23	5,5%	24,3%	26,2%	43,9%	100,0%
set/23	5,5%	24,4%	26,3%	43,8%	100,0%
out/23	5,6%	24,3%	26,3%	43,8%	100,0%
nov/23	5,6%	24,5%	26,3%	43,6%	100,0%
dez/23	5,6%	25,1%	26,0%	43,4%	100,0%
jan/24	4,8%	25,5%	26,7%	43,0%	100,0%
fev/24	4,9%	24,5%	27,3%	43,3%	100,0%
mar/24	4,9%	24,9%	27,1%	43,1%	100,0%

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
mar/23	5,9%	38,5%	15,4%	40,3%	100,0%
abr/23	5,8%	38,2%	15,4%	40,6%	100,0%
mai/23	5,6%	37,8%	15,5%	41,1%	100,0%
jun/23	5,7%	37,0%	15,6%	41,8%	100,0%
jul/23	5,6%	36,6%	15,7%	42,1%	100,0%
ago/23	5,7%	35,8%	16,0%	42,6%	100,0%
set/23	5,8%	35,1%	16,2%	42,9%	100,0%
out/23	5,7%	34,7%	16,4%	43,2%	100,0%
nov/23	5,7%	34,4%	16,5%	43,4%	100,0%
dez/23	5,8%	34,2%	16,5%	43,5%	100,0%
jan/24	5,1%	29,4%	18,1%	47,4%	100,0%
fev/24	5,1%	29,2%	18,2%	47,5%	100,0%
mar/24	5,2%	29,4%	18,1%	47,3%	100,0%

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

## A3) PIB-VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)\*

PIB Volume do Agronegócio*					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-2,78	-0,75	6,23	6,00	3,69
Ramo Agrícola	-5,63	-7,58	2,52	-0,35	-1,71
Ramo Pecuário	4,34	12,00	21,36	22,37	17,59

Fontes: Cepea/USP e CNA. \*dados de março.



- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

#### A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.

- **PIB-volume Agronegócio:** PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

**Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:**

**Bruno Barcelos Lucchi** – Diretor Técnico  
**Maciel Aleomir da Silva** – Diretor Técnico Adjunto

**Núcleo Econômico**

**Renato Conchon** – Coordenador  
**Elisângela Pereira Lopes** – Assessora Técnica  
**Isabel Mendes de Faria** – Assessora Técnica  
**Guilherme Augusto Costa Rios** – Assessor Técnico  
**Gustavo Vaz da Costa** – Assessor Técnico  
**Maria Angélica Echer Ferreira Feijó** – Assessora Técnica

**Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:**

**Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D** – Coordenador

**Pesquisadores Macroeconomia:**

**Nicole Rennó Castro, Dra.**  
**Gabriel Costeira Machado, Dr.**  
**Felipe Miranda de Souza Almeida, Dr.**  
**Adriana Ferreira Silva, Dra.**  
**Arlei Luiz Fachinello, Dr.**